

Bisavô

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Bisavô era tão abençoado, sábio e bom! Todos nós o admirávamos. Na verdade, desde que eu me lembrava, chamavam-no de avô paterno, e também de avô materno; mas, quando o filhinho de meu irmão Frederik entrou para a família, ele foi promovido a bisavô. Mais alto não chegaria em vida! Gostava tanto de todos nós, mas não parecia gostar muito da nossa época.

— Os velhos tempos eram bons tempos! — dizia. — Eram ponderados e sólidos! Agora é essa correria, tudo virado de pernas para o ar. A juventude toma a palavra, fala dos próprios reis como se fossem seus iguais. Qualquer um que passa na rua pode molhar seu trapo em água podre e torcê-lo sobre a cabeça de um homem honrado!

Ao falar assim, bisavô ficava vermelho de rosto. Mas, pouco depois, seu sorriso bondoso voltava, e com ele as palavras:

— Ora, sim! Talvez eu esteja um pouco enganado! Tenho os pés nos velhos tempos e não consigo me firmar direito nos novos. Que Nosso Senhor os guie e conduza!

Quando bisavô falava dos velhos tempos, era como se eles voltassem para mim. Em pensamento, eu andava em carruagens douradas com lacaios, via as corporações transportarem seus emblemas em procissão com música e bandeiras, participava das divertidas reuniões de Natal, com jogos de prendas e fantasias. Naqueles tempos também havia, sem dúvida, muita coisa horrível e cruel, estacas de suplício, rodas e derramamento de sangue; mas tudo o que

era terrível tinha algo de atraente e excitante. Eu percebia tanta beleza! Ouvia sobre os nobres dinamarqueses que libertaram o camponês e sobre o príncipe herdeiro da Dinamarca que aboliu o tráfico de escravos.

Era encantador ouvir bisavô contar essas coisas, ouvir sobre os dias de sua juventude; mas a época anterior àquela era a mais bela de todas, tão forte e grandiosa.

— Ora, era mesmo! — dizia meu irmão Frederik. — Graças a Deus que já passamos dela!

E dizia isso diretamente a bisavô. Não era próprio, mas eu tinha muito respeito por Frederik; era meu irmão mais velho, dizia que poderia ser meu pai. Dizia tantas coisas engraçadas! Era estudante, com as melhores notas, e tão hábil no escritório de meu pai que logo poderia entrar nos negócios. Era com ele que bisavô mais conversava, mas os dois sempre acabavam discutindo. Toda a família dizia que não se entendiam e nunca se entenderiam; mas, por menor que eu fosse, logo percebi que os dois não podiam passar um sem o outro.

Bisavô escutava de olhos brilhantes quando Frederik contava ou lia sobre os progressos da ciência, as descobertas das forças da natureza e tudo o que havia de extraordinário na nossa época.

— Os homens ficam mais sábios, mas não melhores! — dizia então bisavô. — Inventam as mais terríveis armas de destruição uns contra os outros!

— Assim a guerra acaba mais depressa! — dizia Frederik. — Não se esperam sete anos pela bênção da paz! O mundo tem sangue demais, de vez em quando precisa de uma sangria; é necessário!

Um dia, Frederik lhe contou algo que realmente acontecera, em nossa época, num pequeno Estado. O relógio do prefeito, o grande relógio da prefeitura, marcava as horas para a cidade e sua população. Não andava muito certo, mas a cidade inteira se regulava por ele. Então também chegaram ferrovias àquele país; elas se ligam às de todos os outros países, e por isso é preciso saber a hora exata, senão há colisões. A ferrovia recebeu seu relógio acertado pelo sol; este marcava a hora certa, ao contrário do relógio do prefeito. Agora toda a cidade se regulava pelo relógio da ferrovia.

Eu ri e achei uma história divertida, mas bisavô não riu; ficou muito sério.

— Há muita coisa no que você está contando! — disse. — E compreendo também o que pretende ao me contar isso. Seu mecanismo de relógio traz uma lição. Ele me faz pensar em outro: o velho e simples relógio de Bornholm de meus pais, com pesos de chumbo. Media o tempo deles e o da minha infância; talvez não fosse muito exato, mas andava, e nós olhávamos para o ponteiro, acreditávamos nele e não pensávamos nas rodas lá dentro. Assim era também, naquele tempo, a máquina do Estado: olhávamos para ela com confiança e acreditávamos no ponteiro. Agora a máquina do Estado se tornou um relógio de vidro, em que se pode olhar diretamente para o mecanismo, ver as rodas girarem e rodarem; ficamos cheios de medo por aquele eixo, por aquela roda! Como ficará a hora?, penso eu, e já não tenho minha fé de criança. Essa é a fragilidade do presente!

E bisavô foi falando até ficar muito zangado. Ele e Frederik não conseguiam se entender, mas também não conseguiam se separar, “como os velhos e os novos tempos”! Os dois e a família inteira perceberam isso quando Frederik teve de viajar para longe, para a América. Eram assuntos da casa; a viagem precisava ser feita. Foi uma separação dolorosa para bisavô, e a viagem era tão longa, atravessava todo o oceano até outra parte do globo.

— A cada quatorze dias você receberá uma carta minha! — disse Frederik. — E, mais depressa que todas as cartas, poderá ter notícias minhas pelo fio do telégrafo; os dias se tornam horas, as horas, minutos!

Pelo fio telegráfico veio uma saudação quando Frederik embarcou na Inglaterra. Mais depressa que uma carta, mesmo que as nuvens em voo servissem de carteiro, chegou uma saudação da América, onde Frederik desembarcara havia apenas algumas horas.

— É realmente uma ideia de Deus concedida à nossa época! — disse bisavô.
— Uma bênção para a humanidade!

— E foi em nosso país que essas forças da natureza foram compreendidas e enunciadas pela primeira vez, Frederik me disse.

— Sim — respondeu bisavô, e me beijou. — Sim, e eu olhei naqueles dois olhos mansos que primeiro viram e compreenderam essa força da natureza; eram olhos de criança, como os seus! E apertei a mão dele!

Então me beijou outra vez.

Passara mais de um mês quando uma carta de Frederik trouxe a notícia de que ficara noivo de uma jovem encantadora, que certamente agradaria à família inteira. Mandou a fotografia dela, que foi examinada a olho nu e com lupa; a vantagem dessas imagens é que suportam ser vistas pelas lentes mais fortes, e a semelhança fica ainda mais evidente. Nenhum pintor conseguiu isso, nem os maiores dos velhos tempos.

— Se ao menos conhecessem essa invenção naquela época! — disse bisavô. — Poderíamos ver face a face os benfeitores e grandes homens do mundo! Como essa menina parece meiga e boa! — disse, olhando pela lupa. — Agora vou reconhecê-la quando entrar pela porta!

Mas por pouco isso nunca aconteceu; felizmente, em casa, só soubemos bem do perigo depois que passou.

Os jovens recém-casados chegaram alegres e com saúde à Inglaterra; de lá pretendiam ir de navio a vapor para Copenhague. Já viam a costa dinamarquesa, as dunas brancas da Jutlândia Ocidental, quando se levantou uma tempestade. O navio bateu num banco de areia e ficou preso; as ondas eram altas e ameaçavam destruí-lo; nenhum barco de salvamento podia agir. Veio a noite, mas, em meio à escuridão, um foguete luminoso disparado da costa passou por cima do navio encalhado. Levou um cabo sobre ele, e ficou estabelecida a ligação entre os que estavam lá fora e os que estavam em terra. Logo, pelo meio das ondas pesadas e revoltas, uma jovem e bela mulher foi puxada num cesto de salvamento, bem viva; e ficou infinitamente alegre e feliz quando seu jovem marido logo se juntou a ela em terra firme. Todos a bordo foram salvos; ainda nem havia amanhecido.

Nós dormíamos nosso doce sono em Copenhague, sem pensar em tristeza nem em perigo. Quando nos reunimos à mesa para o café da manhã, chegou um rumor, trazido por um telegrama, sobre o naufrágio de um vapor inglês na costa ocidental. Ficamos com o coração apertado de angústia, mas, na mesma hora, veio um telegrama dos queridos que haviam sido salvos e voltavam para casa, Frederik e sua jovem esposa, que logo estariam conosco.

Todos choraram; eu chorei junto, e bisavô chorou, juntou as mãos e — tenho certeza disso — abençoou os novos tempos.

Naquele dia, bisavô deu duzentos táleres do reino para o monumento a Hans Christian Ørsted.

Quando Frederik chegou com sua jovem esposa e soube disso, disse:

— Fez bem, bisavô! Agora também vou lhe ler o que Ørsted já escreveu, há muitos anos, sobre os velhos tempos e a nossa época!

— Ele era da sua opinião, suponho? — disse bisavô.

— Sim, pode ter certeza! — disse Frederik. — E você também está conosco: contribuiu para o monumento dele!

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/bisavo>